

TERRA

Semanário Anarquista

LIVRE

N.º 15—1.º ANO

Dirêtor: PINTO QUARTIM
Propriedade do grupo editor da
TERRA LIVRE

Publica-se às 5.ªs feiras
Redação e administração
Rua das Gaveas, 55, 1.º

Editor: JAIME DE CASTRO
Comp. e imp. nas OFICINAS GRÁFICAS
R. do Poço dos Negros, 8r

PREÇO 20 RS.

Bibliografia anarquista

A Exposição da "Terra Livre"

Que as ideias anarquistas vêm de ha muito preocupando os melhores cerebros e os mais bem dotados corações de Portugal — prova-lo á, flagrantemente, a exposição da bibliografia anarquista portuguesa de que a *Terra Livre* acaba de tomar a iniciativa.

Ha dezenas de jornais, dezenas de revistas, centenas de folhetos, milhares de manifestos, publicados livre ou clandestinamente sobre anarquismo, que bem demonstram que as suas redentoras doutrinas teem antigas e robustas raizes neste paiz.

Sim. De ha muito que eles foram abraçados com fervoroso entusiasmo, com acrisolado amor, com entranhada fé, por todos os que, entre nós, felizmente reconheceram quanto a sociedade era iniqua e absurda, imoral e criminosa com a sua divisão de ricos e pobres, de governantes e governados, por todos os que, enfim, tinham cerebro para pensar e coração capaz de sofrer com o sofrimento alheio. Daqui, jubilosamente o afirmamos, resultou o facto do anarquismo têr, hoje, em Portugal, alguns milhares de homens a defende-lo e a propaga-lo do norte ao sul, de este a oeste: operarios, estudantes, medicos, poetas, escritores, jornalistas, valiosos representantes, enfim, de todos os ramos do trabalho, da ciencia, da filosofia e da arte. E que assim é, repetimos, o demonstrará a exposição bibliográfica libertaria que, dentro em pouco, levaremos a efeito, se nos não faltarem, como firmemente esperamos, o indispensavel concurso de todos os camaradas.

Esta exposição ha de têr, necessariamente, um alto interesse para todos os apaixonados da bibliografia. Fornecerá, ainda, ótimos elementos de estudo para os neofitos da Ideia, sendo, ao mesmo tempo, um motivo de justo desvanecimento, de consoladora alegria para todos os velhos militantes, — para os primeiros que, em

Portugal, desprezando calunias e afrontando perseguições, activa e amorosamente desfraldaram entre o povo trabalhador o labaro querido da Anarquia. Ali terão ensejo de ver os primeiros livros onde beberam os principios que, mais tarde, tão denodada e corajosamente propagaram, delas fazendo para sempre o norte de toda a sua existencia. Ali terão ensejo de ver os jornais e os folhetos e os livros que eles, com tantos sacrificios, lançaram á luz da publicidade, chamando assim o proletariado á conquista dos seus direitos, á conquista sagrada do Pão e da Liberdade.

As publicações que, para o efeito, nos forem emprestadas, serão devidamente enumeradas e catalogadas, tomando a redação da *Terra Livre* a inteira responsabilidade da sua conservação e devolução.

Desejariamos espor, com-

pletas, as coleções de jornais que os camaradas possuam, de jornais ou de quaisquer outras publicações periodicas ou eventuais publicadas em portugês.

Todas as remessas serão devidamente registadas, para que se não dê o menor estravio.

Aos camaradas que queiram vender os livros, folhetos, jornais, etc., que nos remeterem, pedimos que nos indiquem o preço por que o desejam fazer, a fim de o mencionarmos no catalogo.

Toda a correspondencia relativa a este assunto, deve desde já ser dirigida ao nosso camarada Afonso Manaças, rua das Gaveas, 55, 1.º

A toda a imprensa anarquista de Portugal, como a todos os jornais que nos queiram auxiliar com o concurso da sua publicidade, pedimos e agradecemos qualquer referencia a esta noticia.

dade de imprensa, de reunião, de pensamento e de associação?

Onde residirão as garantias individuais e os direitos dos cidadãos?

Fazemos estas perguntas porque o *Marechal de ferro*, fiel executor da imperiosa vontade da burguesia, juntamente com os seus irmãos, «biologicamente» dispersos pelo paiz *pretende* esmagar a organização sindicalista e amordaçar a imprensa que, com altivez e desassombro, espõe ao proletariado o verdadeiro caminho da sua emancipação.

A semana passada foi dada ordem para a policia apreender os nossos colegas *Terra Livre*, *Revolta e Sindicalista*. A que titulo *eles* lá sabem...

Nas cadeias do paiz encontram-se presos muitos dos nossos camaradas pelo *órrivel* crime de propagandear as ideias sindicalistas entre os trabalhadores. Seria isto o que prometeram os oráculos inflamados, nos belos tempos da propaganda?

A nós não nos admira a perseguição do governo. Previmo-la. E assim o manifestamos em muitos artigos.

Agora o que nos causa um certo assombro é vermos uma rédua de imbecis, que nos tempos da *ominosa* nunca tiveram a coragem de se dizerem republicanos, aplaudirem, com as mãos e com os pés, a obra represiva do governo!...

Falta de espaço

E' a causa invencivel que nos inibe de hoje alongarmos esta secção, assim como de inserirmos muita materia já composta, entre a qual se encontra a conclusão do estudo da illustre escritora franceza Madeleine Vernet sobre o amor livre.

Factos e comentarios

A sebenta

Chegou-nos ás mãos um manifesto que reproduz a parte em que a sebenta ditada pelo sr. Afonso Costa na Imprensa Nacional se ocupa de socialismo e de sindicalismo. A coisa é dirigida «aos trabalhadores do campo e da cidade» e tem os titulos de «Palavras de ordem» e «Boa doutrina.» Palavras de «ordem» burguesa, com efeito, e boa doutrina — para os que a propagam.

Achamos, porém, pouco provavel que o estômago dos trabalhadores esteja disposto a aceitar e a dizer o requentado alimento dispensado nas Universidades aos futuros rúbulas e politicantes, governadores do país. Aquilo não lhes convêm: a sebenta só se come no tascos universitário, com ambiente próprio e freguesia especial. Cá fora, o cheiro a sebo destaca-se dum modo violento e desagradável.

O curioso do caso é que o dito manifesto, que parece feito na Imprensa Nacional, não traz indicação de autor, nem de editor, nem de tipografia. E' o justo comentário irónico ao ardente conselho de legalitarismo, de obediência à lei, dado por êle aos trabalhadores.

E o mesmo sucede com outra publicação clandestina de «propaganda social» dirigida também «ao povo trabalhador». Desta é provavel que nos ocupemos mais particularmente, em breve.

"O Sindicalista,"

Apezar da perseguição com que tem sido alvejado o nosso prezado colega *O Sindicalista*, tivemos o prazer de receber o número correspondente á ultima semana, que foi publicado no Porto.

Subordinado aos titulos *A' classe operaria*. — *Dorme-se ou quê?* aquele nosso colega publica a seguinte *entête*:

«Acaso ignorará o proletario organizado que o liberal governo do «marechal de ferro» encerrou, *ha cerca de quinze dias*, a nossa casa comum, isto é, a *Casa Sindical*, onde estão instaladas dezenas de Associações de Classe, cuja renda não é paga pelo Estado, mas por todos nós, sindicados?»

Parece-nos que sim, pois a parte uma ou outra quasi invisivel manifestação de protesto contra tal arbitrariedade, tudo se conserva silencioso.

Pois julgamos necessario, para honra do movimento operario, que o povo trabalhador diga se é rasoavel que um intruso nos ponha fóra de nossa casa e ainda por cima nós tenhamos que pagar a respétiva renda.

Parece-nos que na lei do inquilinato não ha semelhante disposição...

Um engano

Duma lamparina burgueza de Coimbra.

«Engana-se quem imagina o povo português anarquizado.»

E' verdade. E muito. Agora e enquanto ele tiver a paciencia de suportar governantes, padres e patrões, factores impenitentes do crime e da desordem.

Para onde vamos?

Com este titulo escreve o nosso querido colega portuense *A Aurora*, no seu n.º de 18 do corrente, em letras garrafais em toda a largura da primeira pajina:

«Onde parará a tam decantada liber-

DO NATURAL

Dez da manhã. Numa rua da Baixa Sôam apitos. Um policia corre. E á porta duma mercearia luxuosa, afluem rapidamente uma grande onda de povo.

«Que foi?»

«Não sei...»

Chegam mais policias, corre gente de todos os lados:

«Que foi? que foi?»

Vencendo a resistencia da turba, consigo aproximar-me do luxuoso estabelecimento, a cuja porta se vê um grande cabaz de apetitosas laranjas.

Um homem gordo, de boné de seda e grossa corrente de oiro, — o dono da casa certamente — gagueja de indignado para os policias ofegantes:

«Não imaginam! E' uma pouca vergonha... Estou fartó! Todos os dias é isto... Sucia de vadios, malandros!» Faz-se um movimento na multidão. Ouve-se um choro aflitivo de criança. E, andrajoso e descalço, os olhos cegos de lagrimas, livido e soluçante um pequenito aparece entre dois agentes.

O homem de boné de seda e grossa corrente de oiro tem um sorriso de triunfo, corre para ele, de punho fechado:

— «Tambem pertences á quadrilha, hein, tratante? Onde estão as laranjas que me robaste, patife?»

— Tenho-as eu, — diz um dos policias, solícito. Aqui estão»

E, apresentou-lhe, sorridente e victorioso — duas laranjas...

JOSÉ BACEIAR.

ASSUNTOS DE ATUALIDADE

A contribuição predial e o aumento das rendas de casa

Para que serviu a supressão do imposto das rendas de casa?

Mais um exemplo de que dentro da sociedade capitalista não ha forma de melhorar a situação dos que trabalham

Pega a gente num jornal e lê arrazoados deste jaez:

«O propósito do governo, desde o seu início, foi aliviar a parte menos abastada da população. Para isso isentou os inquilinos do pagamento dum imposto que era um verdadeiro e intoleravel absurdo. Pagar porque se paga, simplesmente porque se paga, era brutal e era estúpido. Para suprir essa receita do Estado, o governo procurou fazer pagar mais aos mais ricos, aos que maiores rendimentos possuem.»

Pois bem! Os srs. senhorios decidiram iludir a lei, anular os bons propósitos do governo. Por sua conta e risco fizeram uma lei sua, a lei do mais forte, e condenaram os inquilinos que o governo isentou do imposto, a pagar outro imposto: o dêles.»

e ainda:

«Não ha dúvida que as intenções do governo foram generosas; mas os factos são os factos e dêles resulta que nenhum beneficio colheram os que deviam ser beneficiados.»

Isto a propósito da contribuição de renda de casas e outras.

Ora desde que o imposto, no dizer insuspeito de um notavel economista burguês:

«É uma carga imposta aos particulares ou a grupos de particulares para suprir as despesas do Estado.»

e que:

«A cobrança dos impostos arranca ao produtor um produto de que teria tirado um gozo se o tivesse consumido improdutivamente ou um proveito se o tivesse destinado a um emprego util.»

acrescendo que:

«Sendo um produto um meio de produção, quando se arranca um produto ao produtor, se lhe diminua a faculdade de produzir.»

e mais:

«O valor, que o imposto representa, desde que é pago pelo contribuinte, é perdido para êle; e desde que é consumido pelos governos ou seus agentes, é perdido para todos e não é restituído á sociedade.»

é, claro que não ha imposto que não seja uma violência, uma estorsão, um como arranque de qualquer coisa do nosso ser, o mal emfim.

Admitamos que este mal seja, em determinadas condições, um mal necessário, claro é: dentro do rejime capitalista em que vivemos. Sem dúvida que um governo que queira ser um bom governo, não lança sobre o povo todos os impostos que pode lançar, mas somente aquêles de que não pode prescindir para a boa execução dos serviços públicos.

Assim, se a despesa pública é X contos, além da receita que doutras fontes os governos podem ter, lançam êles um tanto de impostos para que a

respetiva receita junta á das outras citadas fontes, possa atender o X despesa pública.

Seja esse tanto Y contos de réis.

Este Y compõe-se de, entre outras contribuições, da de renda de casas e predial.

Ora se um bom governo para fazer face aos encargos e despesas com os serviços públicos, precisa de uma quantia Y contos de réis de contribuições, é evidente que não poderá desempenhar-se da sua missão com menos de Y, na hipótese de que êle reduziu encargos, cortou despesas dispensaveis e criou receitas honestas e dispensaveis para o fim.

Se pois, êle, por exemplo, dêsse Y de contribuições, elimina a de renda de casas para aliviar o povo, segundo diz, como poderá êle gerir os serviços?

Necessariamente ha de sobrecarregar outras contribuições.

Como é que êle tem a injenuidade de acreditar que, assim fazendo, alivia a carga tributária ao povo?

Se êle tem de sobrecarregar outras contribuições, ou vai fazê-lo nas que dirêtamente afligem o povo e desta forma não o alivia em nada; ou vai incidir com a sobrecarga nos tributos das classes abastadas.

E isto é caso para êle esfregar as mãos de contente?

Pois êle é tão cego que não vê que isso fazendo, as classes abastadas se hão de ressarcir de tal sobrecarga á custa das classes inferiores, o povo, obrigando-as a pagar indiretamente ao Estado mas dirêtamente a êlas, esse excesso de contribuição, com que o governo as foi agravar?

Então um ministro de finanças é tão injênuo que querendo aliviar o povo, diz lá com os seus botões:

«Coitado do povo! está pagando contribuição de renda de casas, só porque paga essa renda! É injusto! Vamos aliviá-lo!»

E acaba com este imposto. Vendo depois que lhe faltam recursos para os serviços da nação por se ver privado daquela receita, coça a cabeça atrapalhado e monologa:

«Está o diabo isto! Eu aliviei o povo, lá isso aliviei! Mas faz-me falta aquêla massa! Que demônio hei de fazer?»

Torna a coçar a cabeça e es-

clama como aquêle célebre imperador:

«Ah! já sei! já sei!»

E zaz! atira-se aos proprietários e diz-lhes:

«Paguem vocês, seus patifes, estas massas; pois que vocês são ricos e estão muito beneficiados!»

E eis a contribuição predial sobrecarregada com o valor da renda de casas que acabara.

E depois duma Africa destas, o bom do ministro põe as mãos na barriga e abre a boccarra numa gargalhada de satisfação!

Ora, com efeito! é crível que um ministro seja tão lôrpa que julgue sinceramente ter feito um ato de justiça e de humanidade, aliviando as classes populares do pezado tributo, por similhante forma?

É possível que seja tão alarve que não veja que sobrecarregando a classe dominante com um agravo de impostos, essa classe ha de forçosamente procurar e procura logo compensar esse agravo com igual se não superior agravo nos preços dos gêneros, dos produtos, alugueis, etc., etc.?

Então êle não percebe que assim não alivia coisa alguma? antes torna piores as condições de vida daqueles a quem quis aliviar?

É tão estúpido que não compreende que, por tal meio, aumentou indiretamente o imposto já de si elevado e injusto? Não se lhe mete pelos olhos dentro que todo o excesso de imposto não prejudica só o contribuinte, mas ainda o Estado? Está então Matias de todo para não refletir que ainda mesmo que a classe sobrecarregada não se indemnizasse da sobrecarga pela forma que aponte, o Estado ainda ficava prejudicado: pois deixando de receber daqueles a quem beneficiava, receberia mal da classe agravada por esta se ezimir por todas as formas ao pagamento e em último caso pagar mal, então, os seus impostos aumentados?

É admissivel pois que um ministro de finanças seja tão ignorante e além disso tão curto de idéas?

E estes jornalistas que vêm com jeremiadas sobre a adulteração feita pelos patifes dos proprietários, da obra generosa dos governos que querem aliviar os povos, não revelam tambem uma tamanha injenuidade?

Não é crível nem admissivel!

Façamos justiça aos dotes intelectuais dos ministros. Êles não são parvos como parecem, nem como as choradeiras dos jornalistas no-los querem impôr. Nem mesmo estes tão tôlos como querem fazer crer.

O que uns ou outros fazem

é chuchar com a tropa: e assim põem-se a querer aliviar o povo por processos peregrinos como o utilizado para a contribuição de renda de casas.

E o povo ignorante e tanso escancara a boca clamando:

— Viva o ministro Fuas que nos aliviou!

E não ha maneira dêle se aliviar para todos os que o enrodilham!

José Carlos de Sousa.

Carlos Rates, preso

Urje fazer uma campanha em favor da sua libertação e da dos outros camaradas.

Ha quasi um mês que este nosso valoroso camarada e bom companheiro de redação da Terra Livre se encontra preso no Limoeiro sem que ainda tenha sofrido um interrogatorio e sem que saiba qual o crime de que o acusam. Tendo chegado ao Funchal, como noticiámos, para fazer umas conferencias e ajudar serenamente a organizar as classes trabalhadoras daquela rejiaó, que assim muito o desejavam e que neste sentido para cá lhe tinham escrito mais que uma vez, é preso, juntamente com Antonio Henriques, ao cabo de dois ou tres dias.

E que fez ele nesses dois ou tres dias? Trocou impressões com varios operarios, começou com alguns deles a lançar as bases da organização e fez duas palestras serenas e inteligentes.

Nada mais. Mas o nosso bom camarada, a quem mesmo os inimigos — embora ás vezes o não digam ou digam o contrario — intimamente reconhecem o seu valor intelectual, a sua inteireza de caráter, o seu amor á ideia e a sua decidida energia, o nosso bom camarada e amigo é sinceramente, ferozmente, odiado por todos os que estão do lado oposto — proprietarios, industriais, militares, governantes, etc.

O seu admiravel trabalho de organização entre os rurais; a maneira como em Evora sempre se defrontou com a autoridade, no campo das idéias, respondendo em claros e energicos manifestos aos manifestos obscuros e pretenciosos, absurdos e cheios duma falsa erudição, do governador civil daquela terra; a forma dessombreada como contraditou autoridades varias em comicios e em sessões de propaganda; as verdades que ele, juntamente com outros camaradas, foi dizendo ás rudes e bêlas populações do Alemtejo, tudo isto deu orijem a ser assim odiado e a ser assim perseguido.

Preso agora por ordem do governo. Mas porquê? Não ne-

cessitam de motivos, não precisam de protestos nem de justificações os governantes. Procedem conforme lhes convem. Depois se forjam com mais ou menos habilidade e com mais ou menos infamia e impudor, os motivos dos seus atos. E assim.

Não sabe o nosso amigo porque o prenderam. Pois nós acabamos de o saber. Está preso por fazer *propaganda subversiva*...

Não nos devemos admirar. Basta que o nosso camarada tenha proferido estas duas palavras: *ação direta*, para ter feito... *propaganda subversiva*, visto que elas representam, segundo a circular que, no numero anterior publicámos — a circular do governador civil de Lisboa — e, portanto, segundo as opiniões do governo que ordenou esta e outras circulares e muita outra infamia, *a violência e o crime*...

Não nos devemos admirar. A imbecilidade aliada á audacia e á força ha de dar isto, fatalmente. Mas a imbecilidade é inofensiva quando a audacia e a força a ela não se encontram aliadas; e a audacia desta gente — audacia que eziste pela inercia, pela passividade dos governados — desaparece quando a força lhe foje ou quando vê que ela pode ser vencida ou *iludida*.

Urje, pois, levar a cabo, rapidamente, uma larga campanha em favor dos presos por questões sociais. Nela será abrangido tambem o nosso bom amigo e destemido camarada Carlos Rates, que tão odiado é pelos de cima e que tantos e tão grandes serviços tem prestado á causa operaria com a sua inteligencia robusta, o seu carácter inteiro e a sua energia que não sofre quebras nem se deixa influenciar por sucumbimentos dissolventes.

Nessa campanha tomaremos parte com o maior entusiasmo e com todo o nosso coração. O que é necessario é faze-la!

Seja, embora, para *elas, a violência e o crime*...

Ainda os acontecimentos de 27 de abril

As Federações de Industria acabam de fazer distribuir um enerjico e bem redijido manifesto sobre a ignobil atitude tomada pelo atual governo para com o povo trabalhador, em absoluta contradição com as promessas feitas pelos propagandistas republicanos no tempo do estinto rejime.

Passando em revista ás torpes violencias de que o nosso proletariado e os militantes sindicalistas teem sido vitimas constantes nos ultimos tempos por parte dos detentores do poder, fazem os autores deste manifesto, que foi escelentemente recebido por todos os

operarios conscientes dos seus direitos, uma breve mas elucidativa espoição de que seja a organização, a tatica e o objetivo do sindicalismo.

Fecham o vigoroso e oportuno manifesto as palavras seguintes, que fazemos nossas:

«Estão anuladas todas as liberdades — de pensamento, de associação, de imprensa — que só nos codigos se encontram. Não pode, pois, o operariado manter-se inerte e pacifico num momento como este, em que periga a organização e em que todos os nossos direitos são desrespeitados. Urje que, estreitamente unidos e solidarizados para a luta, nos levantemos, num protesto formidável marchando até onde necessário fôr para a obtenção de todas as regalias agora postergadas, num ativo gesto demonstrativo de vitalidade e consciência.

Demasiadamente pacificos nos temos conservado. Queremos a reabertura da Casa Sindical e o respeito pelos nossos direitos. Para o conseguirmos teremos que congregar forças e vontades num movimento enerjico. Preparêmo-nos para êle.»

Tambem de *Um grupo de revolucionarios civis* recebemos um veemente manifesto, no qual se protesta com a maior energia contra a situação politica que vimos atravessando e se verdadeira, com justa indignação, o procedimento havido pelo governo contra os individuos implicados no movimento de 27 de abril.

Nesse manifesto atribue-se os acontecimentos a uma provocação dos partidarios do sr. Afonso Costa.

«Disse o sr. Afonso Costa, presidente do ministerio, que desconhecia esse movimento e que esperou que ele viesse á rua para o esmagar; o que ele não disse foi que elementos seus é que provocaram a esplosão intempestiva e desordenada desse movimento, no intuito manifesto de aproveitar o ensejo de se desfazer de todos os seus adversarios politicos e pessoais.

Poucos *caíram*, é o termo, no *truc* infame, e o plano tenebroso não poudo ter a execução desejada; esta magua a manifestou o sr. Afonso Costa em pleno parlamento. O seu desejo seria que mais, muitos mais se deixassem entusiasmar pelos gritos de revolta dos populares que compareceram em frente do quartel de infantaria 5.

E foi receando as declarações que ás vitimas desse *truc* politico fariam em pleno tribunal, que o governo as mandou julgar lonje do continente, onde as suas vozes não se ouvirão, onde as suas declarações chegarão completamente deturpadas, através da imprensa mercenaria do partidatismo, emudecida pela coação, pelo rigor da lei, pela afronta e violencia do arbitrio a voz da imprensa indepenente e incorruptivel.»

Depois, falando do facto dos presos da madrugada de 27 de abril terem sido enviados para Angra, diz, á parte palavras insultuosas que cortamos na nossa transcrição apenas por o seu emprego não ser dos habitos deste jornal:

«Primeiramente iam para Loanda a bordo dum navio de guerra, e o sr. Afonso Costa, recuou ante a nobre atitude dos marinheiros que se recusaram a ser carrascos dos seus irmãos; depois afirmou-se que era falso tal boato, pois seriam julgados em Lisboa ou em Elvas, e que os navios aprontavam para viagens de cruzeiro nas nossas costas maritimas; foi mais um *truc* para iludir o paiz, e encobrir a cobardia do aspirante a ditador.

Alguns navios de guerra saíram, para afastar os marinheiros que ele receava, e tratou-se de preparar um navio duma empresa particular, o «Cabo Verde», para levar os presos politicos. Ainda mais uma vez o sr. Afonso Costa poz em pratica um dos *trucs* em que é fertil a sua politica; declarou-se que o «Cabo Verde» não levaria presos politicos, mas sim presos comuns,

vadios, etc., e nesta conformidade se atulhou o navio, daquela especie de prezos, vindo alguns até da Penitenciaría de Coimbra (!)

Os prezos da madrugada de 27 de abril e as suas familias rejubilaram ao saberem que não seriam conduzidos a Loanda, e todos descansaram.

Alla noite porem, os vadios foram tirados de bordo, e substituidos pelos prezos politicos da madrugada do dia 27!

Como vêem os leitores, por esta amostra, são curiosissimas as revelações que o *grupo de revolucionarios civis* que assina o manifesto nos fazem.

Podem-nos a publicação do seguinte: A Liga Portuguesa dos Direitos do Homem, lamentando, profundamente, todos os atentados contra a liberdade de pensamento, lembra a todos os liberais que numa reunião que realizou em Lisboa fez aprovar, por unanimidade, a seguinte ORDEM DA NOITE:

A assembleia, convocada pela comissão de propaganda da Liga de Dejeza dos Direitos do Homem, tomando conhecimento das leis contra a propaganda anti militarista e de imprensa, contrarias ao espirito de liberdade que animou a revolução e á propria Constituição fundamental do paiz, lavra o seu protesto contra elas e resolve interceder junto dos homems que ainda mantemem o culto dos principios e do povo liberal para que sejam revogadas.

Lisboa, 3 de Junho de 1912. — *Verdu Martins e José do Vale.*

Para ela chama, interessadamente, a atenção do Parlamento e da Imprensa sem distincção de principios politicos ou filosoficos.

Lisboa, sala das sessões do Directorio da Liga P. D. H., em 15 de Maio de 1913.

O Directorio.

CARESTIA DA VIDA

A questão do pão

Se para provar que a atual lei dos cereais só á moajem e aos grandes lavradores aproveita são precisos algarismos, nós vamos tentar fazer alguma coisa nesse sentido.

Mas não iremos cinjir-nos ao que ela é, não a vamos escarpelar no seu todo: vamos apenas demonstrar como, por um preço mais rasoavel que fosse comprado o trigo, esse enorme polvo, que é hoje a moajem, tirava um fabuloso lucro sobre os capitais empregados.

Partindo do principio de que a lavoura não pode prescindir da lei dos cereais, podemos admitir que essa lei determinasse os seguintes preços para os trigos:

Trigos moles quilo réis.....	64
» rijo » ».....	56
	120

Assim teremos trigos em media a 60 réis o quilo, ou sejam 100 quilos de trigo por 6\$000 réis.

Agora vejamos o que dão, depois de moidos esses 100 quilos de trigo:

Farinha de 1. ^a quilos 15 a 100 réis.	1\$500
» 2. ^a » 50 a 80 »	4\$000
» 3. ^a » 10 a 60 »	600
Semeas » 25	575
Impurezas » 2	000
	6\$675

E dest'arte vemos que cada 100 quilos detrigo deixa ao industrial 675 réis fóra todas as despezas. E isto não é rigoroso, mas só pode ser modificado no sentido de dar mais lucros ao moajeiro, porque raro é o trigo que dá mais de 20 quilos de sementes em 100 quilos.

Temos pois uma percentagem mais elevada de farinha de 2.^a que proporciona ao paideiro o ensejo de fabricar melhor pão, visto que hoje o moajeiro estrae a essa mesma porção de trigo maior percentagem de farinha de 1.^a.

Agora resta saber se com os 675 réis que deixam cada 100 quilos de trigo, o moajeiro faz as despezas e se ha *deficit* ou saldo.

Vejamos, tomando por norma uma fabrica como a de *Sacavem*, da *Nova Companhia Nacional de Moajem*:

Essa fabrica produz por dia um total de 120:000 quilos de farinha e sementes, isto é, móe, separa, ensaca e arruma 120:000 quilos de trigo, que a 675 réis por cada 100 quilos, fazem a soma de réis 810\$000 ou sejam em cada 360 dias 291:600\$000 réis para uma despeza ordinaria de 30\$000 réis por dia, porque não éscede dessa quantia a despeza normal ou sejam 108 contos de réis por ano; temos, pois, um saldo em lucros de 183 contos por ano, donde se pode tirar ainda um bom par de contos para eventualidades, ficando com o bastante para juros do capital empregado e um grande dividendo. E os que falaram sobre moajem, sobre a lei dos cereais, sobre o pão barato não sabem disto? Sabem, sim, mas não se quiseram dar ao trabalho de o dizer.

Não serão certos os nossos algarismos? Provem-no!

Mas são certos, sim! E nem doutra maneira se registaria o grande desenvolvimento que em poucos anos tomou a Nova Companhia Nacional de Moajem e a opulencia das fabricas da viuva de J. Gomes, Reis, Brito e tantos outros que por ali vemos.

E' devido a esses lucros fabulosos que mais dia menos dia toda a moajem, em Portugal, será da Nova Companhia; e se ela hoje já faz o que quer, o que fará ela, essa ou outra qualquer, amanhã, quando tenha estendido os seus tentaculos por todo o paiz?

Só a resistencia popular poderá pôr um dique a essa esploração.

São sofismados todos os regulamentos, todas as tabelas e não ha fiscalização que subsista.

Quem fiscaliza as farinhas? Umhas pobres criaturas que do assunto nada percebem, que mesmo com muito boa vontade seriam enganadas todas as vezes que a moajem quizesse.

Tal é a situação.

J. C.

PELO MUNDO DA ARTE

UMA ESPOSIÇÃO

INA

Sociedade Nacional de Belas Artes

Depois de alguns dias dum tempo agreste e muito incerto, o maio, o bom e radioso maio surtiu com toda a sua esplendida e fecunda belesa, com o ceu mais azul e o seu sol mais claro — um sol pagão que por aí anda a fazer garotices pelas ruas da cidade; a fazer brotar perfumes delicados de todos os cantinhos de terra onde duma boa semente uma flor nasceu graciosa e senhoril; a pôr em festa os campos com uma fartura de seiva transbordante, com uma orjia alegríssima de côres...

E' maio que volta... Por toda a parte canticos e gorjeios suavíssimos... Por toda a parte flores... Rosas, rosas, muitas rosas... Nos passeios publicos, nos jardinzinhos recatados de casas particulares, nas sacadas enfeitadas de varios predios elas surjem com a sua graça perfeita, a sua adoravel frescura e os seus aromas requintados...

As rosas! Mão amiga, se encarrega, ás vezes, de mas pôr sobre a minha secretária. E' uma nota de vida no ambiente seco do escritorio, uma nota grata e suavíssima a que essa mão amiga me traz com as suas rosas belas...

Voltou maio, voltou maio!... E, este ano, ele trouxe-nos tambem, com o seu sol clarissimo e fecundo, com o seu ar puro e com a sinfonia viva de mil côres das flores mais variadas, a inauguração do edificio da Sociedade Nacional de Belas Artes.

Tem o país, enfim, meus amigos, uma casa propria para exposições. Foi inaugurada no dia 15 do corrente; e, com ela, a decima exposição daquela sociedade. Houve discursos e canto. E as grandes damas frivolas, finjindo sentir e perceber o que era espasto, por ali andaram algumas horas rodando solenemente pelas salas, parando ás vezes com demora em frente de varios quadros, mas de facto apenas preocupadas com as *toilettes* de verão que naquele dia estrearam e com os olhares carregados de caricias dos homens que elas quierem conquistar unicamente pela sensualidade e que querem levar para casa... ao menos em remeniscencia...

Finjindo sempre e em tudo, quasi toda essa gente finjiu de artista; mas, não sabendo manter o papel, tem deixado ao

abandono no teatro da Republica a genial atriz Italia Vitaliani que neste momento nos visita e que ali nos faz, com a sua suprema Arte, experimentar, sentir profundamente todas as impressões e todos os sentimentos que formam a alma das figuras que ela vive e que nunca mais, nunca mais se apagam, que ficarão sempre viven-

nem levar-nos a raciocinar e a desejar uma sociedade melhor; nada nos dizem de bom, de forte, de sadio; nada constroem.

Fotografam com mais ou menos felicidade e distribuem depois as côres—se é em pintura—com mais ou menos acerto. Ora é isto o que principalmente acontece, o que mais se nota na presente exposição. Por lá aparece muita coisa de comer—maçãs, morangos, laranjas, etc.—e muitas flores e pedaços de paisagem que nada ou bem pouco nos contam.

abandonado, a piteira baça e riste, tudo isto forma um belo conjunto coerente com a ideia. A figura—principalmente o rosto—não está bem. Aquela mulher pode estar á espera d'algum ou distraída ou a ver a paisagem naquele dia triste e ventoso que ameaça chuva... Não ha nela a dôr, a aflição, o desespero ou o desalento de quem se encontra só, perdida no meio dum campo desconhecido...

Mas entre muita coisa estranha e absurda que se encontra nos 550 trabalhos espastos, en-



RAIOS DO SOL ARDENTE

Carlos Reis

do iluminadamente nos nossos espiritos agradecidos...

Maio voltou, meus amigos, com a sua carroça enfeitada de flores e frutos e os seus guizos telintantes e festivos... Cheira a campo o mocetão e pressajia alegremente com os seus pregões fortes e sadios toda a bacanal do estio...

Maio voltou... E, com ele, veio este ano a exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes. Não vou fazer a sua critica. Apenas algumas notas e impressões eu deixo aqui.

Primeiramente eu quero acentuar que o grande mal da quasi totalidade dos nossos artistas plasticos é a falta de cultura. Mesmo quando possuem qualidades tecnicas apreciaveis e estudam cuidadosamente as côres e a luz, falta-lhes quasi sempre o assunto. Não tem ideias nem inspiração; não nos metem na vida com as suas obras; não criam nem procuram criar em nós um estado d'alma

Reproduzir-nos isso porquê? Reproduzir-nos isso para quê?

Um vaso com flores... E a gente pára e vê se as flores estão ezatas, se tem frescura e relevo. E depois?... Que nos ficou desse quadro? Nada, absolutamente nada. Alguma coisa, porém, nos podia ficar n'alma de muito suave ou de muito triste se esse mesmo vaso tivesse situação. Assim, por exemplo, com um caixote ou vaso onde a custo florissem uns sequiosos cravos rubros sobre o peitoril da janela duma casa desabitada ou em ruínas...

E é necessario que quando um quadro tem ideia, essa ideia seja tratada cuidadosamente, com todos os pormenores precisos; é necessario que tudo convirja para o fim que se tem em vista. E' o que não verificamos—isto para dar um exemplo—com a tela—*Perdida*, de Simão da Veiga. O meio ambiente está bem tratado. O ceu borrascoso, o caminho, o saco

tre muitas oleografias e borrões detestaveis, entre coisinhas inexpressivas ou com defeitos graves, ha tambem varios trabalhos interessantes e sugestivos e umas duas duzias admiraveis de obras belas.

Em escultura destacam-se o *Ao leme*, de Francisco dos Santos, onde a posição, a musculatura, a expressão do rosto, o esforço produzido, tudo tem uma admiravel tradução; *O Naufrago*, de Simões d'Almeida (Sobrinho) cuja ideia muito impressionante está superiormente tratada nas duas figuras que formam o grupo; e *Nostalgia*, de Maciniano Alves. Esta escultura de que muito gostei, principalmente pelo expressivo rosto, não tem, porém, a meu ver, bem encontrado o titulo. Deu mais a impressão de qualquer coisa parecida com o estado d'alma durante a *réverie*. Se foi realmente a *nostalgia* que o seu autor nos quis dar, não encontrou bem a expressão.

Logo na mesma sala nós encontramos as encantadoras aguarelas de Alves de Sá. Que luz esplendida! E que frescura! Que transparencia! Aquele belo

traz telas interessantes foi infeliz nas *Cebolas*. Aquele vermelho é estranho.

Retratos de Columbano sempre perfeitos. O retrato do



AO LEME

Francisco dos Santos

Caminho do Paço (S. Isidoro, Mafra) cheio dum grande sol! e a *Fonte do Senhor Roubado* e as *Fragatas no Tejo* e *O rebanho*. Todas elas nos prendem a vista durante muito tempo e nós deixam a pensar em coisas gratas que na nossa alma acordam, que se destacam da grande bruma que em geral as envolvem.

Na mesma sala algumas notas muito interessantes de Alberto de Sousa — alguns aspectos da *Feira da ladra*, por exemplo; um esplendido pastel de Malhã — *Dois amigos* (retratos) e pouco mais.

Admirável o *Marinheiro* (triptico) de Constantino Fernandes! Admirável! Muito bem estudadas as figuras. Os dois grupos do centro são prodigiosos. Que belo rapaz aquele, tisonado do sol, vermelho, vendendo saúde e sorrindo alegremente para a rapariga que cinje ternamente ao coração. Ela tem as palpebras descidas, o narizito petulante e um sorriso de satisfação por se saber assim amada... Morde-os a ambos o sol e a sensualidade. Mas com que habilidade Constantino Fernandes conseguiu evitar que esse amor fosse só carne, como ele conseguiu espiritualiza-lo! O outro grupo do centro muito bem tratado. E' pena que a mão do pequenito, tenha os dedos tão distanciados. Os grupos laterais irrepreensíveis e emocionantíssimos. A expressão do rapaz que toca guitarra é flagrantemente.

Belo trabalho! Pena é que a excessiva rijidez do cordame e a demaziada regularidade de argolas façam lembrar uma oleografia. Mas é apenas isto. O fundo de mar e de céu é esplendido. E os leves defeitos que apontei não fazem de maneira nenhuma com que o triptico não seja um trabalho admirável.

Malhã que por lá tem ou-

Maestro Augusto Machado é uma maravilha. As suas *Laranjas* e *O fruteiro* — embora, como já disse, eu não aprecie muito este genero, estes assuntos — teem uma vida imensa. Mas ninguem consegue, como ele, pintar assim estes temas. E' perfeito.

Não me chega o espaço — *Terra Livre* tem muito mais de que ocupar-se — para falar como desejava de mais quadros dispersos que muito me prenderam a atenção: Os quadros de Manuel Henrique Pinto; uma fresca e linda tela *Azinha de Colares*, de Ribeiro Junior onde tudo é perfeito; e varios outros.

Agora, quero simplesmente, meus amigos, falar-vos da esplendida *Arvore em festa* de Falcão Trigoso e dos trabalhos encantadores de Carlos Reis. Essa arvore é uma maravilha. Uma arvore grande, copada, ver de forte, de saúde. E' uma alfarrobeira. No chão, um verde claro e por traz da arvore uma luz clarissima e um amarelo esplendido. Todas as floritas campestres ali teem no seu logar a sua representação: malmequeres, papoilas...

Aquela arvore vive; e a nós, que a olhamos, apraz-nos estirmo-nos á sua boa sombra a ler um livro querido ou arrancar com alguns amigos e algumas donzelinhas alegres e bonitas numa refeição fresca de saudáveis e suculentos frutos. Esquece-se a gente da cidade e o casario incaracterístico e massudo das ruas alinhadas. Um doce e simples bucolismo espalha-se-nos n'alma...

Depois... os retratos de Carlos Reis admiravelmente tratados. Esplendido, imensamente expressivo o retrato do dr. R. P. L. A vida daquele olhar!

A um tempo enérgico e suavissimo o retrato de D. Carolina Joice. Que bem! Ha quem diga que é o seu melhor trabalho. Belo realmente! Desde a energia da face admiravelmente bem encontrada, ao chapéu de plumas delicadissimas, á leveza vaporosa da gaze, á forma flagrante como o corpo do vestido se desprende do colo, ás rosas palidas e esfumadas do fundo, tudo, tudo, absolutamente tudo é admirável nesse admirável retrato.

E os *Raios do sol ardente* — a sua maior tela? Bela tela em qualquer parte!

A vida que em si encerra e dela se desprende! A alegria, a saúde, a bondade forte da natureza fecunda! Nada esquece.

Não são simplesmente os dois — o rapaz e a rapariga que vão á frente dos bois — que Carlos Reis trata com carinho. Eles vão — digo vão — por que essas duas figuras teem relevo, movimento, vida — seguindo no seu idílio simples, idílio sem artificialidades, sem constrangimento, transpirando a voluptuosidade natural e saudável — a mesma que vem da terra, das arvores festivas e dos horizontes iluminados. Sorriem ambos... Ela vai enleada e contente, o seio farto, cesto no braço, os pés descalços sobre a terra... Ele, de aguilhada ao hombro, esquecido dos bois que caminham a seu lado pa-chorrentamente, vai todo embevecido na sua contemplação

e domina-a com o olhar quente que a envolve toda numa mordente carícia...

Mas tudo é cuidado e belo nesta grande tela.

Os bois, os diferentes planos do terreno, as nuvens no horizonte, umas nuvens de calma, dos grandes dias de sol... E' tudo! A frescura do cesto! A graça das parras que dele saiem! E até sobre os olhos dum dos bois — daquele cuja cabeça se vê quasi inteiramente — pendem as tiras de coiro de que me não lembra agora o nome apropriado. Não fosse a nostalgia, o misticismo desse olhar, pôr uma nota de tristeza naquele quadro onde só a alegria grita num soberbo triunfo!

Raios do sol ardente é como uma grande página de Zola!

E é este quadro que eu principalmente trouxe no meu espirito ao sair da exposição onde tanta inutilidade e tanto borrão impudicamente enche as paredes...

Sobral de Campos.

Nos Estados Unidos

A proposito da força numérica da *American Federation of Labor*, a velha e pezada organização operaria conservadora, que em março ultrapassou pela primeira vez a cifra de dois milhões de sócios, Jean Longuet, na *Humanité*, fala dos *Industrial Workers of World*, atribuindo a esta jovem e ávida organização revolucionária apenas 30 a 35 mil associados, informação logo recolhida pelos jornais portugueses que mais gosto sentem em desfazer no sindicalismo.

Ora esse número é falso e é preciso pelo menos triplicá-lo: 100 mil é um mínimo. Só a organização dos trabalhadores em madeiras de construção, filiada nos I. W. W., com secções por todas as vastas florestas do Sul e do Ocidente, conta já 30 mil membros regula-



MARINHEIRO (Triptico)

Constantino Fernandes

res. O mesmo número de sócios conta-o a união dos operários da indústria têstil.

É sobretudo pela ação que se conhece a importância desta federação. Recordemos a grande greve têstil em Lawrence, a das operárias da seda em Paterson, a dos operários da borracha (20 mil) em Arkon, etc.

A propósito, eis o preambulo dos estatutos dos I. W. W. (Trabalhadores Industriais do Mundo):

«A classe trabalhadora e a classe patronal nada tem de comum. Não pode haver paz enquanto a fome e a necessidade existirem entre milhões de trabalhadores, e os poucos que constituem a classe capitalista tiverem todas as boas coisas da vida.

«Entre estas duas classes deve haver luta até que os trabalhadores do mundo, organizados como classe, tomem posse da terra e da maquinaria de produção e suprimam o salariato.»

Consideramos que o centralizar-se a administração das indústrias em poucas mãos, cada vez menos numerosas, torna as uniões de ofício incapazes de defrontar o sempre crescente poder da classe patronal. As uniões de ofício criam um estado de coisas que permite que uma categoria de trabalhadores seja açulada contra outra categoria operária da mesma indústria, contribuindo assim umas uniões para a derrota das outras nas guerras do salario. Além disso, as uniões de ofício

ajudam a classe patronal a desencaminhar os trabalhadores para a crença de que a classe operária tem interesses comuns com os seus patrões.

«As condições dos trabalhadores só podem ser mudadas e o interesse do proletariado só pode ser sustido por uma organização formada de tal modo que todos os seus membros em cada indústria, ou, sendo necessário, em todas as indústrias, cessem o trabalho sempre que haja greve ou *lock-out* em qualquer secção sua, considerando assim um ataque a um como que ataque a todos.

«Em vez do mote conservador: «Uma boa paga por um curto dia de trabalho», devemos inscrever na nossa bandeira o lema revolucionário: «Abolição do salariato.»

«A missão histórica do proletariado é suprimir o capitalismo. O ezercito produtor deve organizar-se, não só para a luta diária contra os capitalistas, mas também para continuar a produção apenas derribado a capitalismo. Organizando-nos industrialmente, formamos a estrutura da nova sociedade dentro da casca da sociedade velha.»

Este sindicalismo, que os revolucionários norte-americanos chamam *industrialismo*, é por eles considerado como a forma mais avançada, correspondente ao mais adiantado desenvolvimento industrial dos Estados Unidos.

seiro é substituído pelos oportunistas e astuciosos estadistas...

A moral é também *decretada* e interpretada ao sabor do imperante, que impõe e que não aceita senão a que ele julga ser a *verdadeira*. A justiça é também um conjunto de regras e normas *decretadas* na defesa dessa autoridade suprema e absoluta em que os chefes se fortificam contra os ataques das turbas, da *canalha*. Essa justiça é imposta por entidades que tem ao seu dispor a força bruta das armas, dos impostos que se julgam senhores dos destinos dos povos e incumbidos de desempenhar um papel messiânico a que a inferioridade mental dos seus conterrâneos aceita como correspondendo a uma necessidade imperiosa e imprescindível.

Nestes tempos primitivos, ou nessas sociedades grosseiras e empiricamente constituídas no seu envólucro externo ou político é, pois, a autoridade, a vontade despótica, o capricho dos chefes que envolve tudo, numa rede de ferro e de malhas meudas em que a vida social se abafa e se debate na ausência de liberdade...

*

Com o tempo porém todas as formas da autoridade tendem a desaparecer. A evolução da humanidade assim nos diz dum modo evidente.

A antiga intervenção dos chefes, do Estado na vida económica (circulação, produção ou preparação, distribuição e consumo das utilidades) tende cada vez mais a desaparecer. Hoje quasi não ha limites á liberdade comercial e industrial se a compararmos com o regime de fiscalização e de intervenção doutróra. Igualmente a todos é licito ezercer qualquer destas profissões. A circulação das utilidades e dos indivíduos faz-se quasi livremente, através das fronteiras políticas, sem que os estados intervenham dum modo esclusivo e proibitivo como em tempos idos. A viação acelerada circula em todos os sentidos no globo, e a intervenção da autoridade do Estado está reduzida ao mínimo, como, aliás, preconiza a doutrina da economia política ortodoxa, individualista, manchesteriana, declarando que a missão do Estado se reduz ao papel de *policia* — o Estado-policia, o estadista-policia...

O pai, o *pater-familias*, tem já hoje confinada a sua autoridade, mais pelos costumes do que pelas leis. O seu poder já não abranje o despótico e grosseiro direito de *utendi et abutendi* da sua prole. E cada vez se acentua mais essa transformação, esse declinar o despotismo familiar. Os *direitos do pai* estão sendo substituídos pelos *deveres do pai*. O consentimento dos pais nos casamentos dos filhos é hoje uma mera for-

malidade para os filhos menores. Todos hoje podem constituir família e a intervenção do Estado é cada vez mais reduzida, sendo já aceita facilmente pelos costumes, pela moral, a família livre baseada apenas na mutua e livre vontade dos consortes.

A fiscalização autoritaria, a censura do Estado sobre as manifestações da arte e da ciência, tem diminuído e hoje todos podem ser artistas e homens de ciência, — á parte certos momentos patológicos por que passam as sociedades, mercê dalgum impostor, um aventureiro ou ambicioso que pretenda numa dada ocasião fazer-se senhor absoluto e irracionalmente obedecido.

No campo da moral, já ha um criterio proprio, pessoal, independente, e em cada individuo cria-se uma consciencia amiga da verdade demonstrada, dispensando que essa função seja desempenhada por quaisquer individuos nem sempre sinceros e sempre autoritarios. Assim tem desaparecido a intervenção autoritaria, quer política, quer meramente religiosa, ou ambas ligadas, que impunha limites á expansão artistica e científica e *decretava* uma moral convencional, anti-social.

A tendencia para fugir da justiça organizada pela autoridade e para se resolverem as questões por arbitragem particular é um facto de todos os dias. Os tribunais feitos á semelhança e feitio dos despotas políticos estão desacreditados e a sua condenação encontramos na opinião que as massas populares, a voz do povo, tem dessas instituições.

Os reis absolutos, a incarnação do autoritarismo elevado á sua mais alta expressão tiveram de ceder perante as revoluções liberais e conceder ás multidões a divisão dos seus poderes realengos em poder legislativo, ezecutivo e judicial e que, por sua vez, vão perdendo progressivamente a sua força autoritaria, como é sintoma, por um lado, o sufragio universal, por outro, o descredito em que tem caído a justiça do Estado, os ministros e o parlamento...

As formas autoritarias primitivas tendem, pois, dia a dia, a apagar-se e o Estado terá de acatar essa evolução, deixando-se despojar sucessivamente de todas as prerogativas autoritarias e dando lugar a outros organismos meramente contratuais, — característica, como dizem Spencer e De Greef, das sociedades que se aperfeioam. Onde ha autoridades ha sujeição em nome da força; não pode haver civilização, porquanto o individuo civilizado é aquele que procede bem livremente, pela sua consciencia e não obrigado.

Adolfo Lima.

RESPONDENDO A UM INQUERITO

SINDICALISMO E ANARQUISMO

VI

Meus Amigos:

A principio não ha áto algum da vida social, quer particular, quer publico, que não intervenha o poder do senhor, do chefe, do pai, do inca. O mais forte, ou pretendidamente tal, o mais habil e ágil, o mais velho é quem manda em tudo e por tudo.

Os individuos, as suas ideias e sentimentos, o corpo, a constituição da família, as sementeiras e as colheitas, a troca dos produtos, o comercio, as refeições, as festas, as reuniões — tudo estava subordinado ao chefe que consubstanciava, acumulava, concentrava todos os generos de autoridade: patriarcal, religiosa, guerreira, politica. Era pai, sacerdote, general, rei!

O pai possuia o direito de vida e morte sobre os seus filhos e mulher ou mulheres, ou melhor, sobre toda a familia. Tinha uma autoridade absoluta, ilimitada, sobre as pessoas e bens de todos os membros de familia. Era ele que realizava

despoticamente os casamentos dos filhos, e nem todos podiam constituir familia. E aqueles que era licito constitui-la, tinham de sujeitar-se como, aliás, ainda hoje, a formalidades impostas pela autoridade assambarcadóra, pela autoridade paternal ligada á autoridade politica ou publica.

As manifestações da arte e da ciencia, o sentir e pensar, também estavam sujeitas ao interesse dos governos, á sua censura, abafando, estrangulando a intelectualidade, pautando irracionalmente o que cada qual poderia dizer que sentia e que pensava ou idealizava, — estado este que ainda hoje se encontra nos países de civilização atrazada em que o nivel mental é inferior quer da parte da multidão quasi analfabeta, quer da parte da autoridade, do poder, que se apresenta grosseiramente primitivo, violento, resolvendo pela força guerreira ou policial o que outros relativamente mais habeis, mais solertes, resolvem pela astucia, em que o policia gros-

Pelo Algarve

Gréve de soldados

Acha-se, e com justificada razão, verdadeiramente revoltada a importante classe dos soldados do Algarve com uma noticia tão falsa como tendenciosa publicada no semanario *Alma algarvia*, de Portimão.

Com manifesta hipocrisia, dizendo se amigo dos operarios, para que a punhalada seja mais certa, vai aquella folha falseando a verdade e atirando sobre a classe em questão uma bôa dôse de animadversão, no intuito manifesto de indispor a opinião publica com os pobres soldados e de, porventura, fazer quebrar a bela solidariedade, lei sem a qual não ha movimento que vingue. Por felicidade, porém, o sistema não colhe, por velho e sedição, de mais a mais posto em pratica pela supracitada folha. Contudo não ficará sem resposta o falso e venenoso artigo, para que uma vez mais se faça ressaltar que, na época de perseguições e desenganos que atravessamos, o operariado organizado, conhecendo bem quanto podem e valem os politiqueiros de todos os matizes que este desgraçado país atura, está mais do que nunca resolvido a procurar o seu bem estar por esforço proprio e lejítimo.

Mas não ha só maldade e ineptidão no triste arrasoado que estamos autopsiando ainda que mui ligeiramente; ha tambem o cunho da parvoice e da ignorancia, pois que na ancia mal sofrida de colocar mal a classe, o articulista vai até ao ponto de atribuir á solda casos de envenenamento, sem duvida baseado nos desarranjos gastricos ultimamente registados entre os comedores de conservas de peixe, mostrando assim ignorar a fórma como é preparada a lata para a maquina, bem como a antiguidade e a inofensividade da solda em tal applicação!

A maquina de soldar ou cravar tal como é empregada e com a perfeição alcançada até hoje, não tem defesa, e simplesmente serve para o patrão ignorante e mau atirar para a miseria com aqueles dos operarios que mais odiar, procurando dest'arte reduzir o numero dos revoltados que combatem a exploração capitalista.

A maquina, pois, nas condições atuais não alivia o pobre operario, afastando-se assim do seu belo fim, e o ponto mais importante, produz um maior prejuizo relativo, facto constatado e declarado ainda ha poucos dias pelo grande industrial João Fialho aos seus soldados de Olhão, o que, de resto, não constitue novidade para quem tenha estudado o assunto.

Mas a gréve de soldados que ora se observa em varias terras do Algarve não teve por causa fundamental as maquinas de soldar ou cravar, e tão sómente o esforço empregado pela classe dos soldados na organização do pessoal feminino das fabricas de conserva, em cumprimento da moção aprovada na ultima reunião internacional de soldados. Foi esta e só esta a causa da gréve, provocada pelo encerramento das fabricas, provocação esta sem duvida alguma filha do grande receio que a organização das mulheres das fabricas sempre infundiu aos industriais.

Aqui tem o articulista da *Alma Algarvia* a verdade dos factos, cuja proclamação seria mais digna de elojio e agradecimento, do que todas as suas melifluas palavras *amigas*, que nos parecem escritas com um punhal embebido em veneno.

Quanto ao oferecimento dos seis a nove tostões diarios feito por certos patrões aos soldados e seus filhos, não passa ele de mais um canto da sereia, de que, a tempo, foram advertidas as principais victimas. Além de que, mesmo aos olhos da *Alma Algarvia* a galinha por certo parecerá gorda de mais para tão pobres soldados...

Manigancias do Capital já muito velhas, muito sabidas e que por isso não custou muito a desmascarar!

E, uma vez com a mão na massa, responderemos, embora de corrida, a um *suelto* da mesma folha, sob o titulo *Arte nova*.

Os operarios de Portimão, terra de avançados, sabem bem quanto devem e podem esperar de politicos, quer sejam monarchicos ou republicanos. Porém, nas suas reuniões publicas não podem escorraçar monarchicos, como não escorraçam republicanos, indiferentes ou socialistas autoritarios, antes desejando que todos oçam as verdades proclamadas pelos seus propagandistas, no que vai toda a sua dignidade e coerencia, fontes de energia indispensavel para uma frutifera e sã propaganda. E como as suas tribunas são livres, muito prazer e mesmo vantagem dará toda e qualquer pessoa que queira usar da palavra, sujeitando-se, é claro, á indispensavel contradita.

O autor do *suelto* em questão, pretendendo semear mais odios e indisposições, sómente demonstrou a sua intolerancia e faciosismo, de que todo o avançado consciente foje a sete pés. Não ha duvida que mostrou bem ser republicano; mas em face das revoltantes prepotencias sofridas pelo operariado, nós *felizes* tempos que decorrem não é grande recomendação a qualidade de verde-vermelho...

Continue pois a *Alma Al-*

garvia a vender os seus elixires, sem receio de concorrência por parte do operariado, que só admira e agradece a verdade, venha ela donde vier. Uma vez mais, porém, lhe diremos que o operariado consciente tem a politiquice como um dos principais fautores da sua miseria. De mais, nós bem sabemos aonde lhe dôe.—*Correspondente*.

Os deserdados

IV

Não peçamos milagres aos governos; realizemos nós mesmos as nossas aspirações, pois que estamos fortemente interessados em que a sociedade se transforme.

Math. Briancourt.

O futuro não é inteiramente determinado pelo passado.

M. Guyau.

Rousseau, compenetrado das desigualdades sociais e economicas, escreveu:

"O primeiro que cercou e demarcou o primeiro terreno atrevendo-se a dizer *isto é meu*, pois que lh'o consentiram, foi o verdadeiro fundador da sociedade civil." — O padre Antonio Vieira, parafraseando Seneca, escreveu: "desde que houve *meu e teu* começaram as guerras entre os homens."

"Quantos crimes, — continua Rousseau — quantas misérias e horrores teria poupado á humanidade aquêle que, arrancando os marcos e cobrindo as fossas, houvesse dito aos seus semelhantes: guardai-vos desse impostor; aliaz, esquecendo-vos de que os frutos são de todos e a terra de ninguém, perder-vos-eis e aos vossos descendentes."

Contudo, a Terra, hoje, é pertença de alguns privilegiados, não é de toda a Humanidade.

Ela encerra no seu fértil seio todos os elementos indispensaveis á vida; mas encontra-se retalhada, dividida e cercada comio pertença de diversos homens que permitem que ela produza apenas o que lhes agrada e convem aos seus interesses e caprichos.

Os maus, os gananciosos, apossaram-se da Terra, cometem toda a ordem de estorsões e latrocinios; posteriormente, vieram compradores e herdeiros... mas naturalistas, astrónomos, geólogos, geógrafos, toda uma pleiade de sabios não cessa de afirmar que a Terra, como a luz dos astros, como a atmosfera, etc, não pode ser propriedade de ninguém.

Por ventura algum homem criou o mundo para se erijir em seu dono e dizer: isto é meu?

Escrevia de Greef: "Para o anarquista, a sociedade é um agregado de individuos livres e felizes; o seu ideal é duma elevação e pureza que implica

uma força moral superior e natural moderação: cada um trabalha segundo suas forças e gosto particular e consóme racionalmente."

A' vista destes raciocinios não importa que os adversarios da Anarquia digam que este Ideal é uma Utopia.

Todos os ideais antes de se tornarem em realidades, foram utopias.

Mas quem são os advesarios da Anarquia? Os ricos, os dirijentes, os senhores, os privilegiados, os governos e todos que por ambição criminosa aspiram a se-lo para de explorados tornarem-se em tiranos, e ainda os inconscientes levados pela astucia dos mais intelijentes. E quem são os que por este Ideal de humanidade se sacrificam, combatendo encarniçadamente todos os prejuizos da sociedade atual?

Os que não desejam governar nem explorar os seus semelhantes, nem querem, por que são nobres e livres, ser governados nem explorados.

Se, pois, o Anarquismo é uma utopia, porque se levantam egoistas e ambiciosos, capitalistas e proprietarios, burguezes e socialis demócratas contra êle, calumniando-o, perseguindo-o ferózmente?

A base d'uma sociedade racional, verdadeiramente humana, é a solidariedade, e não pode haver solidariedade, sem liberdade, igualdade, amor, justiça; mas o Estado o governo, autoridade, são a antitese da Liberdade e da Igualdade: ha verdadeira autonomia, repugnancia, antagonismo entre uma coisa e outra; por isso o Anarquismo não admite o artificio politico do Estado com o seu complexo mecanismo, como fautor, *sine qua non*, para a felicidade do povo.

Dentro da atual sociedade, o direito é uma mentira, a justiça uma ficção, a autoridade um abuso, o poder uma prepotencia, a lei uma gargalheira, o governo um absurdo, tolerados, respeitados e acatados pela ignorancia, pela estupidez, pelo medo. O Anarquismo repêe tudo isso por ser barbaro e contra a natura.

A Anarquia é a sociedade humana sem leis nem governos, sem ricos nem pobres, sem *deus* nem amo.

Gulpillares, 1913.

Manoel Luiz da Costa Junior.

(2)

A BOMBA ESPLOSIVA



Depoimentos de diversos revolucionarios

(28 de 1 de 1908 a 5 de 10 de 1910)

Compilados por

JOSÉ MARIA NUNES
PREÇO 300 RÉIS

A' venda na administração deste jornal.

Bibliografia

LIVROS

A Humanidade, por Paraf-Javal — 57 pag. — Acaba de ser posto à venda o 2.º volume da Biblioteca de Estudos Sociais, editada pela Livraria Portuguesa, de João Carneiro & C.ta, da travessa do S. Domingos, 58 e 60. Subscreve-o Paraf-Javal, o ilustrado colaborador de Bloch e uma das mais ilustres figuras do anarquismo em França. Sob o calor dumã conversa entre um tio e uma sobrinha, Paraf-Javal desenvolve, nas 57 páginas deste seu volume, um elucidativo estudo sobre a constituição dos mundos e as leis que o rejem, concluindo por afirmar que «não ha esperança de que os homens alcancem a felicidade por meio da inepta arbitrariedade da autoridade. A felicidade só poderá ser atinjida pela razão, pelo estudo que conduz ao conhecimento das leis naturais, que reduzirão ao mínimo o esforço quando todos os homens trabalharem e deixem de esbanjar a sua enerjia, quando tomarem por norma de comportamento os principios do transformismo universal, que é a doutrina do porvir, a Anarquia.»

La Barbarie Moderne, de C. A. Laisant. Edição de *La Bataille Syndicaliste* — Paris, Preço: 2 francos.

Laisant, o espirito réto e justo, tão conhecido e respeitado pelo seu saber, reuniu neste volume todo o seu modo de ver sobre a organização atual da sociedade. Analisando tudo que nos rodeia, observando todas as manifestações humanas, cae a fundo sobre as instituições e, por meio dumã argumentação lojica e cerrada, mostra o que atualmente ha de incoerente e perigoso para a felicidade dos homens. Acompanhando desde os tempos mais remotos a evolução da mentalidade humana, prevê a queda da organização atual e conclue que «os homens libertos das cadeias que os prendem e arancados aos carrascos que hoje vivem da sua carne e do seu sangue, tornar-se-ão mais sãos, mais fortes e melhores.»

FOLHETOS

La Contribución de Sangre, por Fermin Salvochea — 24 pag., 10 cents.

Mais um folheto publicado pela Biblioteca Editorial «Salud y Fuerza» de Barcelona: *La Contribución de Sangre*, do velho anárquista Fermin Salvochea, um dos que, pela sua brilhante intelligencia e pela sua exemplar dedicação, mais teem concorrido para a divulgação dos nossos queridos ideais. Neste pequeno mas precioso folheto, Salvochea, como o seu titulo indica, falanos da infame contribuição de sangue, estudando a sua orijem, as causas que a sustentam, etc.

Crimen y Criminales, por Clarence S. Darrow — 19 pag. — 10 cent.

Outro folheto da Biblioteca Editorial «Salud y Fuerza». Abre com a conferencia de Darrow, *Crime e Criminosos*, realizada no carcere de Chicago em outubro de 1903, fechando-o uma esposição das doutrinas neo-maltusianas, de Luis Bulfi, e uma consulta sobre o uso, applicação e colocação do obturador vaginal do dr. X.

La Franc-Maçonnerie et la Classe Ouvrière, por Emile Janvion. — 32 pag., 15 centimos.

Encerra esta brochura a magnífica conferencia, realizada em 3 de abril de 1910, nas *Sociétés Savantes*, por Emile Janvion, um dos mais distintos escritores do moderno movimento social.

É um grito de alerta contra o perigo da intervenção maçónica no movimento sindicalista.

REVISTAS

La Escuela Popular — N.º 6, \$ 020. — Recebemos o n.º 6 desta esplendida revista mensal, órgão da Liga de Educação Racionalista, que se publica em Buenos-Aires, sob a intelligente direção de Julio Barcos.

Traz colaboração de Julio Barcos, José Sergi, Carlos Vergara, Max Rives e Alejandro Ursain.

Assinatura: Semestre, \$ 1; trimestre, 0,50; avulso, 20. Redação e administração: Santiago del Estero, 464, Buenos-Ayres.

Fuerza Consciente, 32 pag., 50 cents.

Recebemos o primeiro numero desta importante e luxuosa revista anarquista, redijida em espanhol, e que vê a luz em Nova-York.

Fuerza Consciente, que vem substituir nas lutas da imprensa o *Bravo y Cerebro*, em nada desmerece da magnífica publicação que, só com a edição de alguns numeros, pôz em movimento as autoridades liberais da Republica Americana, que prohibiram a sua circulação.

O sumario interessantissimo é o seguinte:

Fuerza Consciente, pelo Grupo editor. — *El individuo y la sociedad*, por Jean Grave. — *Criterio de Justicia*, por Anselmo Lorenzo. — *Atualidades*, por «Um cronista». — *Patria*, por A. Hamón. — *La tirania voluntaria*, por J. Vidal. — *Los que producen*, por C. Malato. — *La expedición Scott y Novedades científicas*, pela Redação. — *Desde Paris*, por A. A. Mary. — *Notas de arte*, por Juan Cortada. — *Vida libre*, por E. Modtesquin. — *Deficiones de la anarquia*, por diferentes autores. — *Pro Humanidad*, por Emilio Gant. — *Pessimismo infundado*, por Juan Uriarte. — *La ciudad ideal en el Emubio*, por F. de la Roca. — *Sobre la existencia de Dios*, por Diderot. — *La milicia negra de la plutocracia y el gobierno*, por James Montgomery. — *Libertad (comedia)*, por Santiago Rusiñol. — *Ilustraciones sociales*, por varios artistas.

Fuerza Consciente, no seu artigo de apresentação, declara:

«A razão, a lojica, a bondade dos ideais justos não serão nunca suficientemente fortes se os não acompanhar a força conciente do individuo, o qual, ao unir-se com outras forças de outros individuos concientes, formarão um poder invencível que destruirá toda a classe de tirania.

Será, pois, esta publicação um dinamo intelectual, criador de forças individuais, que serão as precursoras da Revolução Social, crendo que ao fazer unidade conciente ajudaremos a formação da grande massa proletaria, intelligente, forte e adestrada para se lançar á grande luta social, na qual a humanidade dará a batalha decisiva em prol da liberdade individual e da paz coléitiva.

Atacaremos o Estado, por ser um estorvo á liberdade individual e uma ameaça para a liberdade coléitiva.

Negaremos a religião, por não haver ninguém demonstrado a existencia de um supremo, entendendo que ao acreditar o homem em coisas invisíveis, retarda a obtenção da verdadeira felicidade.

Combataremos o capital por ser um instrumento de tirania corporal e um obstaculo ao desenvolvimento economico do homem.

Combataremos a patria, a guerra, a literatura mercantil, a arte hipocrita e as nossas conveniencias da atual sociedade, por serem os principais sustentaculos do roubo legalisado e do crime glorificado.»

Saudamos o novo campeão da Anarquia, desejando-lhe longa vida e muitas prosperidades.

Salud y Fuerza — N.º 52, 15 centimos.

Está publicado o n.º 52 desta bem conhecida e escelente revista mensal neo-maltusiana de seccolojia, sociolojia, filosofia e ciencia medico-social, de que é diretor-fundador o camarada dr. Luiz Bulfi.

O sumario deste numero é o seguinte: *Do altruismo ao Egoismo*, por Eugenio Lesicolais; *A diminuição de nascimentos: na Alemanha; na Austria; Necessidade do Neo-maltusianismo*, por José Chueca; *Exploração da infancia: Neo-maltusianismo*, por V. Garcia; *As perseguições contra o Neo-maltusianismo na Italia* pelo dr. Luiz Berta; *D'vagações sobre Egoismo e Individualismo*, por J. P. Lesclause; *Leis dos órgãos sexuais; Amor*, por Emilio Gante; *Genesis dos Mundos*, por E. Y. A. Porta; *A Eugénica e o melhoramento da raça humana*, por Remy Perrier.

Assinaturas, (Exterior): 12 numeros, psetas 2,50; avulso, 0,15; atrasados, 0,20. Redação e administração: Provenza, 177; pral. 1.ª, Barcelona.

JORNAIS

«Les Temps Nouveaux» — 19.º ano, n.º 1, 10 centimos.

A magnífica folha anarquista franceza, que se publica em Paris ha dezenove anos, sob a criteriosa direção de Jean Grave, o

autor ilustre da *Sociedade Futura*, é hoje bem conhecida nos principais centros intellectuais da Europa. Ocioso se tornaria, portanto, qualquer elogio da nossa parte.

O numero que temos presente, o 1.º do 19.º ano, é colaborado por N. Nettlau, G. Tay, Francis de Pressensé, G. Noro, etc.

Assinaturas. Exterior: um ano, 8 francos; seis meses, 4 francos; três meses, 2 francos.

Redação e administração: 4, rue Broca, Paris (V.).

Educação Feminina. — N.ºs 1, 2 e 3. — *A Educação Feminina* é o titulo duma nova folha quinzenal de pedagogia, literatura e ciencia, órgão das normalistas de Lisboa, que acaba de se publicar sob a direção de Iréne Vieira Lisboa.

Estes numeros apresentam-se escelentemente redijidos, contendo colaboração muito variada e interessante de Joana Condesso, Antonio Luiz Filipe, Iréne Lisboa, Georjina Anjelo da Costa, etc.

Assinaturas: 6 mezes, 400 réis; 3, 200 réis. Redação e administração, rua do Comercio, 31, 3.º

ACABA DE APARECER

Da Porta da Europa

FACTOS E IDEIAS

POR Neno Vasco

A questão religiosa ☉ A questão politica ☉ A questão economica

Preço 500 réis (pelo correio mais 75 réis)

A administração da Terra Livre satisfaz prontamente todos os pedidos que venham acompanhados da importancia respectiva.

TERRA LIVRE

Semanário anarquista

(Publica-se ás quintas feiras)

Órgão de luta social e economica. — Tribuna amplamente aberta ás reivindicações dos trabalhadores. — Análise e comentarios dos factos capitais da vida social e politica portugueza. — Desenvolvido noticiario do movimento operario internacional. — Desenhos e caricaturas demolidoras. — Concursos científicos e inqueritos para o conhecimento do problema economico e social da rejião portugueza. — Correspondencia da provincia e do exterior. — Secções de ciencia, filosofia, arte, educação, literatura e critica.

Corpo redatorial:

Carlos Rates — Neno Vasco — Pinto Quartim — Sobral de Campos.

Colaboradores:

Adolfo Lima — Afonso Manaças — Araujo Pereira — Aurelio Quintanilha — Bel-Adan — Campos Lima — Clemente Vieira dos Santos — Emilio Costa — Gaspar dos Santos — Humberto de Avelar — Ismael Pimentel — José Bacelar — José Benedy — José Carlos de Sousa — Manuel Ribeiro — Edmundo d'Oliveira e outros.

Condições d'assinatura

(Pagamento rigorosamente adiantado)

Para Portugal, Espanha, ilhas e colonias portuguezas

(Incluindo o importe do correio)

1 mês (só para o continente)	100
3 meses	300
6 meses	500
1 ano	1\$000
Numero avulso	20
Pacote de 50 exemplares (fora o porte do correio)	500

Para o Brazil (moeda fraca)

(Incluindo o importe do correio)

6 meses	2\$400
1 ano	4\$800
Numero avulso	100
Pacote de 50 exemplares	2\$500

Extérieur

Trois mois	2,50 fr.
Six mois	5 »
Um an	10 »
Prix du numéro	0,25 »

Não se satisfazem pedidos de assinaturas que não venham acompanhados da respectiva importancia em ordem postal ou estampilhas continentais. Quando a cobrança tiver que ser feita pelo correio acresce a despezza correspondentemente.

Pedimos a todos os nossos leitores e amigos que façam a maior propagação da ao nosso jornal.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DAS GAVEAS, 55, 1.º

LISBOA

Agentes aceitam-se onde ainda os não haja
«Terra Livre» encontra-se à venda nos principais quiosques e tabacarias

AVISO A nossa administração encontra-se aberta todos os dias uteis das 19 horas ás 22 e aos domingos das 13 ás 16 horas.